

Resumo de apresentação no reunião de Promotores do Meio-Ambiente, 25 de novembro de 1998

HIDROVIAS: OS DESAFIOS DE AVALIAÇÃO DOS SEUS IMPACTOS AMBIENTAIS E SOCIAIS PARA FINS DE LICENCIAMENTO

Philip M. Fearnside
Instituto Nacional de Pesquisas da
Amazônia-INPA
C.P. 478
69.011-970 Manaus-Amazonas

A construção de novas hidrovias tem sido anunciado para o rio Madeira, o Tocantins/Araguaia, e o Paraná/Paraguai. Embora este modo de transporte é menos destrutivo do que rodovias, ele traz impactos significativos que muitas vezes escapam do atual sistema de avaliação para fins de licenciamento. As hidrovias estão sendo implantado para facilitar o transporte de soja, que é uma cultura com poucos benefícios sociais. As hidrovias trazem impactos diretos através da eliminação de curvas e modificação do regime hidrológica levando ao resecamento de áreas inundadas ligadas aos rios aproveitados. Eles tem efeitos indiretos através de mudanças no uso da terra e na migração humana. O "efeito de arraste", destacada como fator positivo nas apresentações do Programa Brasil em Ação, leva ao estímulo de investimentos privadas na razão de 1:3 (no caso da Hidrovia da Madeira), uma mudança com múltiplos efeitos ambientais e sociais que não são analisadas nos estudos de impacto para licenciamento. Um problema extremamente sério é a criação de pressão política para executar as obras antes de ser avaliado e julgado os seus impactos. As obras são anunciadas como compromissos governamentais antes de ser preparados o Estudo de Impactos Ambientais (EIA) e Relatório sobre Impactos no Meio Ambiente (RIMA), assim dificultando a opção de sustar projetos com impactos graves. Outro problema é a evolução dos projetos depois de começados, levando a impactos maiores do que os considerados no EIA/RIMA, mas já com a atividade econômica iniciada que leva a uma pressão que praticamente garante a resolução de qualquer pedido de mudança a favor do aumento da infraestrutura. Um caso atual é o pedido de HERMASA, empresa operadora da Hidrovia da Madeira, para estreitar uma curva no Rio Madeira em volta da Estação Ecológica de Cuniã, uma mudança que que poderia levar a drenagem dos pantanos e lagos fluviais que abrigam a fauna exuberante que levou à criação da Estação Ecológica.